



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

TEREZA DOS SANTOS HORÁCIO

Hoje, 07 de novembro de 2005, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento da funcionária Tereza dos Santos Horácio para o Projeto Memória Oral da instituição que busca reconstituir a história da Instituição a partir da criação de um amplo e multifacetado acervo de fontes orais, composto por relatos de experiências de diferentes funcionários, ex-diretores, usuários, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na captação de imagem, Washington Oliveira, na captação de som, Paulo Eduardo e na condução do depoimento, Daisy Perelmutter.

Daisy Perelmutter: Bom, para a gente começar, eu gostaria que a senhora falasse como foi o impacto na sua chegada aqui na Biblioteca? A senhora falou que não conhecia bem a cidade...

Tereza dos Santos Horácio: Eu vim trabalhar aqui porque eu conhecia este pedaço. Eu achava assim: “Vou trabalhar lá no serviço público porque eu não vou fazer nada e vou ganhar bem”. A ideia era totalmente louca. Eu achava isso, eu achava que iria ganhar bem porque eu via as pessoas todas de terno e eu achava que eu ia ganhar bem. Estou vendo! Eu vim aqui e falei... não me lembro bem, eu acho que fui lá no DAMU¹ e falei que queria trabalhar aqui. Eu não lembro como era o tramite na época. Não sei se tinha que ir em outro lugar, a minha referência mesmo era o DAMU. Eu lembro que vim aqui e falei com a diretora.

DP: A senhora lembra quem era a diretora na época?

¹ Departamento de Administração do Município de São Paulo.

TSH: Era a Maria Helena da Costa e Silva. Eu cheguei aqui e apresentei minha carta. Eu acho que tinha que ir lá na Secretaria, lá no DAMU que eu falei que queria trabalhar aqui. Aí eu fui ficando.

DP: E como que foi?

THS: Quando cheguei aqui, fui trabalhar com a diretora, fazia cafezinho e atendia ao telefone, mas logo me tiraram de lá e me puseram na torre. Aqui, quando chegava gente nova, eles faziam um rodízio. Eu fui fazer café lá na torre, tinha uma copa enorme e a gente fazia café para todos os funcionários, todos os funcionários pegavam café lá.

DP: Em que andar?

THS: Era no quarto andar na torre. Fui para lá porque o pessoal não gostava de ficar lá, eu achei bom e falei: “Eu vou fazer só isso? Que bom!”. Porque antes eu trabalhava de maquinista.

DP: Eu gostaria que a senhora falasse um pouco desses trabalhos anteriores. A senhora trabalhou numa linha de montagem?

THS: É, eu trabalhei na linha de montagem da Bombril. Então, quando eu vim para cá, eu achei muito pouco serviço porque lá era ágil - eu tinha que pegar as farpas e levar para o aparelho para fazer o Bombril. Então você tinha que estar bem esperta com tudo. Depois tinha a pessoa que vinha pesar o Bombril para ver se o Bombril estava bom e, quando quebravam as máquinas, você precisava soldar a máquina e não podia demorar, tudo era muito rápido. Quando eu cheguei aqui – depois eu também trabalhei na Kolynos – parecia serviço de criança. Quando eu cheguei aqui, eu fazia café, atendia telefone. Depois eu fui na torre e ninguém queria ficar na cozinha e eu fui trabalhar lá. Conheci todos os funcionários porque eles iam lá pegar café. Antes todas as pessoas vinham para cá, todas as seções eram aqui. A Circulante, o prédio que mudou para lá, era aqui dentro. Eu conheci todo mundo, a



maioria já foi embora. Quando eu cheguei, já tinha um monte de gente que ia aposentar.

DP: E aí a senhora ficou nessa função durante quanto tempo?

THS: Quando chegou gente nova, eu falei: “Opa, não vou ficar aqui também”. Falei para o encarregado: “Olha, já chegou gente nova, agora você faz outro rodízio”. Em 1981 entrou mais gente e eu saí da copa e fui ficar na torre. Na torre foi muito bom porque eu usava o meu tempo para estudar. Tinha gente que só queria fazer fofoca, mas eu queria estudar.

DP: E o que a senhora estudava?

THS: Eu fui fazer supletivo porque eu não tinha o primeiro grau e uns funcionários antigos me chamaram para ir fazer supletivo em uma escola da prefeitura. Eu disse que não, que eu iria ler todos os livros que tinha aqui, imagina. Mas os funcionários me incentivavam e eu fui fazer o vestibular. Tinha um vestibular pequeno e eu fui. Aí eu falava para eles: “Eu passei?”. “Vou ver”. Aí passou um tempo e eles me disseram que eu tinha passado.

DP: A senhora fez o supletivo pela prefeitura?

THS: Não, era na escola da prefeitura. Tinha primeiro e segundo grau. E a professora depois falou: “Agora vocês vão fazer o segundo grau”. E eu pensei: “Imagina, não quero nem pensar em segundo grau”. Sabe aquelas coisas de menina, não sei, eu não tinha interesse.

DP: Com quantos anos a senhora entrou aqui?

THS: Nesta época eu já tinha mais de trinta anos. O pessoal da escola me incentivou a fazer o segundo grau também. “Segundo grau? Vamos, vai”. Aí a professora falava: “Quando vocês estiverem na Faculdade...”. E eu falava: “Deus



que me livre, não quero saber disso”. Porque era legal, mas ao mesmo tempo era cobrança, porque você tinha que fazer muitos trabalhos. Mas fui indo.

Depois o pessoal falou: “Agora nós tiramos diploma, vamos fazer faculdade”. E eu falei: “Isso que eu não vou fazer mesmo, não tenho dinheiro para isso”. Eu era negativa, ainda sou. E a maioria queria fazer Direito e eu dizia: “Eu não, eu não trabalho no fórum”. A maioria que estudava lá no supletivo trabalhava no fórum, mas eu não. Não queria fazer Direito, não tinha nada a ver. Teve um colega meu que trabalhava na Telefônica e me perguntou se onde eu trabalhava tinha alguma faculdade para fazer. Eu disse que sim. Aí eu fui fazer o vestibular lá onde eu moro, em Santo André. E eles falavam: “Ah, você não quer fazer Direito, então faz Biblioteconomia”. Eles me incentivavam.

DP: E a senhora foi fazer Biblioteconomia?

THS: Fui.

DP: E onde a senhora fez?

THS: Fiz Biblioteconomia na Faculdade Teresa D’Ávila em Santo André.

DP: E ao longo desse período a senhora ainda estava trabalhando na torre?

THS: As pessoas às vezes iam no andar onde eu estava e eu brigava com elas, porque elas queriam fazer fofoca e eu queria utilizar o meu tempo para fazer meus trabalhos. Muita gente se reunia até para me criticar. Eu não queria nem saber, queria saber era do meu diploma. Eu sabia do retorno que eu ia ter estudando com meus colegas lá na escola e eu falei: “Vou aproveitar”. Uma vez uma diretora queria me tirar da torre para ir trabalhar na Etiquetagem. Eu disse que não, porque estava fazendo um trabalho e não podia sair. O bombeiro passou lá e falou que não podia ficar muita gente no mesmo lugar. A Etiquetagem também era lá na torre.

DP: E como era esse trabalho na Etiquetagem?



THS: Quando chega o malote de livros você tem que carimbar, pôr a classificação no livro, verificar se a ficha está correta com o livro, fazer a etiqueta e inserir na torre. Por exemplo, tem livro que é de legislação e você tem que levar na legislação, de raros em raros, da mapoteca, na mapoteca. Vem tudo para a Etiquetagem e depois é distribuído pela Biblioteca. Era legal também, só que você ficava muito tempo em cima de um livro só. Mas é gratificante. Eu trabalhei na torre, trabalhei na Artes.

DP: Na Seção de Artes qual era a sua função?

THS: Na Seção de Artes, a minha função era atender o usuário. Eu pegava os livros que estavam em um andar da torre. E tinha a “lâmina solta”, que era no andar de cima. Hoje eu acho que não existe mais. Eu trabalhei também na Circulante, no ônibus-biblioteca e no “Leituras no Parque”. O “Leituras no Parque” era bom, mas hoje em dia já não dá mais.

DP: Como era o trabalho?

THS: Eu vou te falar do ônibus-biblioteca: a gente trabalhava no Anhangabaú. E, perto da Estação da Luz, era uma área que tinha muitos meninos de rua. Um dia um menino de rua deu partida no ônibus, porque o motorista tinha saído. Aí foi um usuário que entrou no ônibus e brecou. O menino achou lindo aqueles livros, o ônibus e já montou lá e deu partida no ônibus, porque o motorista tinha saído.

DP: E como era o trabalho no ônibus?

THS: A gente ia na Monteiro Lobato pegar o ônibus ou uma perua levava a gente até o ônibus. O ônibus saía cheio de livros, a gente colocava as mesas lá fora, fazia uma fila com as pessoas que já tinham cadastro e ia emprestando os livros. As pessoas olhavam os livros que queriam e levavam para casa. Aí, na outra semana, a gente voltava lá, eles devolviam e pegavam outros.

DP: E os usuários, em geral, era a população do bairro?

THS: Eram as pessoas da região.



DP: Porque, no caso do Anhangabaú, a Biblioteca era aqui pertinho.

THS: É, mas tinha bastante público.

DP: E o que motivava as pessoas?

THS: Quem trabalhava ali perto naquela área ia lá pegar.

DP: E a senhora fazia o atendimento?

THS: Eu fazia o atendimento.

DP: E vocês também estimulavam a formação de novos leitores? O que elas costumavam pegar?

THS: Não, as pessoas já tinham os seus autores e vinham pegar os livros. As crianças iam pegar livros didáticos. Eu trabalhei também na Cidade Tiradentes para aquela população dali, e trabalhei ali perto da Estação da Luz, no Bom Retiro - não é Bom Retiro ali, mas é naquela região. As crianças vinham pegar os livros - as mães, as tias...

DP: E o projeto funcionou durante muito tempo?

THS: Funcionou. Agora eu não sei como está, mas na época que eu peguei foi bom. Tinha a perua que levava a gente daqui até o ônibus. Depois não tinha mais o ônibus e a biblioteca era perua, mas o ideal é que tenha dois ônibus para trabalhar na rua.

DP: Como é a experiência de trabalhar na rua?

THS: Tem barulho direto, você tem que ter muita atenção, porque entrava todo tipo de gente - não tinha guarda, não tinha nada. Tinha que ter dois ônibus, porque não



tinha lugar para comer. A gente tinha que levar água que ficava quente, banheiro não tinha - você tinha que ir no bar.

DP: E quanto tempo a senhora trabalhou no ônibus?

THS: Eu trabalhei no ônibus no tempo que a Biblioteca ficou fechada. A Biblioteca ficou fechada dois anos e eu fiquei trabalhando lá um ano. Primeiro eu fui para a biblioteca do Tatuapé e, depois de lá, eu fui para o ônibus-biblioteca. Passou um memorando perguntando quem queria trabalhar no ônibus e eu falei: "Acho que eu vou". Já estavam aproveitando demais de mim lá. Aí eu peguei e fui.

DP: Nesse período que a Biblioteca ficou fechada, a senhora disse que trabalhou no Tatuapé, numa biblioteca-ramal - e essa experiência é muito diferente? Qual a diferença entre trabalhar aqui e em uma biblioteca-ramal?

THS: Era diferente porque lá só tem empréstimo, tudo é na base do empréstimo.

DP: Não tem sala de consulta, é isso?

THS: Tem. Tinha que tirar xerox fora da biblioteca. Era diferente, mas era legal porque a biblioteca não era tão pequena. Ela fica na Celso Garcia e tinha bastante gente que ia lá.

DP: E para ir para o ônibus-biblioteca teve uma convocação?

THS: Passou um memorando para ver quem tinha interesse e eu fui.

DP: A senhora acha que tinha que ter um perfil mais definido para trabalhar na rua?

THS: A gente tinha que ter mais segurança nesse tipo de trabalho. É pouca gente que trabalha e é bem desgastante, apesar de você ir embora às 15 horas. Eu trabalhei em São Mateus também. Muita gente não devolveia os livros, você tinha que escrever cartas. Era um trabalho bonito, mas requer mais funcionários. Hoje eu não



sei como está, sei que tem colegas que reclamam. A melhor fase que eu trabalhei na rua foi na época do “Leituras no Parque”, porque tinha mais condição.

DP: E como era?

THS: Era no Parque do Ibirapuera e lá tem tudo, tem verde, tem banheiro, a gente recebia lanche, não precisava ir correndo comprar.

DP: E esse era um projeto de todas as bibliotecas ou só da Mário de Andrade?

THS: Era da Secretaria da Cultura.

DP: E quando foi?

THS: Eu não me lembro.

DP: Foi em qual gestão?

THS: Eu não me lembro que gestão foi. Eu tinha tudo isso marcado lá.

DP: E quanto tempo a senhora trabalhou nesse projeto?

THS: Eu trabalhei pouco tempo com isso, porque, quando eu vejo que está desgastante, eu saio. Como eu moro longe – quem mora em São Paulo pode vir de metrô – eu tinha que vir de lá até aqui e ir pegar a perua que levava a gente.

DP: Depois que a reforma acabou a senhora voltou aqui?

THS: Depois que teve a reforma eu voltei e não saí mais.

DP: E qual a seção em que a senhora ficou?



THS: Nessa época eu já trabalhava na Etiquetagem. Eu trabalhei 14 anos na Etiquetagem - eu peguei um monte de chefe, um monte de diretor. Como eu te falei, era lá no quarto andar, na torre mesmo, tinha uma salinha. O livro ficava ali mesmo e você só trancava, não era malote, era caixa. Aí foi crescendo, crescendo e a gente mudou para outra sala que era maior. Aí teve uma conversa com as diretoras e passaram a gente para o quarto andar. Tinha duas cabines e você trancava o livro. A outra diretora depois achou melhor ficar lá embaixo, porque não tinha jeito de trazer os malotes, não tinha elevador, porque não podia entrar por aqui que tinha escada. Então ela achou melhor ficar lá no corredor, porque aí a perua chegava com os malotes e já ficava ali. Depois eu fui convidada para trabalhar aqui.

DP: Depois disso a senhora foi para a Seção de Artes?

THS: Não. Na Seção de Artes eu fui trabalhar antes da Etiquetagem.

DP: A senhora comentou que várias chefias passaram por aqui. A senhora consegue lembrar de alguma que foi significativa para a Biblioteca? Como era a relação?

THS: Elas quase não conversavam com a gente porque existe o encarregado-chefe. Não podemos ficar pulando a hierarquia. Primeiro você fala com o seu encarregado e ele é que vai falar com a diretoria. Já não deixam nem a gente chegar lá.

DP: E sempre foi assim?

THS: Sempre foi assim, desde que eu entrei aqui. A diretora mesmo falava na reunião que nós tínhamos encarregados, tínhamos o chefe, tem o diretor e depois que vai chegar lá no grande. Agora, tinha gente que passava e ia correndo lá, pronto, levava bronca.

DP: E a relação entre os departamentos, como que funcionavam? Ou aqui na Biblioteca sempre foi muito segmentada? As pessoas sempre souberam pouco do trabalho de outras seções? A senhora teve a oportunidade de trabalhar em vários lugares e tem uma noção de conjunto.



THS: Sabem pouco. As nossas chefes, às vezes, passavam alguma coisa e, como a gente era mais entendido, elas falavam. Mas existiam muitos colegas que não sabiam de nada. Eu era funcionária, fulana e beltrana também, quando eu falava: “Hoje eu tenho reunião com a diretora”. Aí já perguntavam: “O que vai ter para os descamisados, qual é a bronca para os descamisados?” Aí ela falava: “É assim e assim”, e a gente ficava sabendo.

DP: A senhora acha que em algum momento essa relação tão hierárquica se quebrou? Teve algum momento em que as relações foram mais horizontais, mais igualitárias?

THS: Tem uma hora que chega: “É assim e acabou e não fala mais nada”.

DP: Houve algum momento em que essa relação que a senhora está descrevendo não foi tão pesada? A senhora se lembra de alguma gestão que tenha havido uma maior integração entre os funcionários? Ou a senhora acha que isso é uma característica da Biblioteca?

THS: Deixa eu lembrar. Quando era o Bruno, ele já falava, ele chegava na reunião e falava: “Não quero isso, não quero aquilo”, ele era bem despachado, as outras eram bem mais reprimidas, não sei se vem lá de cima, não sei. Agora a gente não está mais sabendo de nada.

DP: E quando a senhora fez o curso de Biblioteconomia, aí a senhora passou a integrar essa parte...

THS: Eu fiquei um tempão trabalhando na Etiquetagem, mesmo assim. Meus colegas me falavam para estudar porque “é melhor para a sua vida”. Quando eu tirei meu diploma eu percebi que não mudou nada, ninguém me dava bola. Então como tinha uma pessoa que trabalhava na referência, eu sempre conversava com ela – ela já se aposentou – e eu ia sempre conversar com ela. E como eu trabalhava na Etiquetagem e ela sempre perguntava: “Que livro que chegou?”. Aí foi quando a



gente teve aquela relação assim: “Você tira xerox da listagem dos livros novos que chegam e traz para mim”. E eu pegava e tirava por minha conta.

Agora eu estou fazendo esse serviço porque o outro bibliotecário que saiu, o Eduardo, eu comentei com ele e ele disse que era uma boa e aí eu vim para tirar xerox. mas eu sempre ficava ali na Referência, conversando com ela. Então eu fiquei pegando as coisas. E ela falava assim: “Por que você não vem trabalhar aqui?”. E eu falava para ela: “Não, eu não quero trabalhar aqui. Você é que ganha, é você que tem que trabalhar”. E ela dizia: “Mas você já é bibliotecária”. E eu dizia: “Sou, mas eles não me consideram, você ter o diploma é uma coisa, para você ser considerada, tem que passar no concurso, aí eles te consideram”. Eu acho isso chato, você estuda para quê? Para você apresentar o diploma? Não existe essa coisa de apresentar o diploma e subir um pedacinho da escada, não. Isso não acontece na prefeitura, você só é beneficiado se você passar em um concurso.

DP: E a senhora não fez o concurso?

THS: Eu fiz um concurso, mas não passei, eu fui reprovada.

DP: E a relação com os colegas, é uma relação solidária, a senhora lembra de pessoas que foram importantes?

THS: Eu tinha uma integração, assim, eu trabalhava na CIPA². Tinha uma mulher que se apresentou, eu fazia tudo para ela, não para ela ganhar a votação. Eu era tipo uma secretária dela, era uma coisa bem bonitinha. Eu penso assim: quando um descamisado tem uma ideia boa que vai dar certo, eu acho que a chefia não aprova. Eu vi isso naquela época. Aí deu certo. Ninguém podia sair do lugar. “Tudo bem, vamos fazer uma urna e levar lá e ela vota”. Então eu fiz isso, organizamos bonitinho. Levamos para todas as seções e todo mundo votou. Aí essa moça ganhou. Aí a gente fez um trabalho e ela começou a ver coisas que estavam acontecendo. E tinha um homem que trabalhava na seção dela – ela trabalhava no xerox – e lá onde ele trabalhava na prefeitura, não sei onde ele trabalhava tinha,

² Comissão Interna de Prevenção de Acidentes.



café da manhã. Isso existe na prefeitura desde mil novecentos e bolinhas, só que os diretores não foram atrás dessas coisas porque também não interessa para eles. Os funcionários é que tem que ver. Então ela, como ela trabalhava junto com ele... Ele vinha fazer convocação e comentou com ela: “Olha, onde eu trabalho é assim...”. Aí ela fez, teve um monte de gente que ajudou, mas a cabeça foi ela junto com esse homem, os dois já aposentaram. Ela trabalhava aqui e ele não. Aí deu certo.

E tudo o que eu via de errado, por exemplo: “A pessoa pode escorregar ali?”. Eu via porque a CIPA é isso. Mas não dava muito certo trabalhar porque a prefeitura não tem dinheiro.

DP: O que te incentivou fazer parte da CIPA?

THS: Eu li no Diário Oficial e quando eu trabalhava na Bombril eu via os “cipeiros”, como eles trabalhavam, porque eu tinha que usar uma luva para pegar as farpas para fazer Bombril; e você não podia andar de chinelo, tinha um sapato adequado para andar na fábrica porque se não o “cipeiro” ia lá e te caçava e falava para o teu chefe, para o teu encarregado. Então, lendo o Diário Oficial, eu fiquei sabendo e comecei a fazer.

DP: E isso foi interessante?

THS: Foi, porque aí eu tinha mais... Eu conversava com todo mundo, eu tinha que ir em todas as seções. E eu falava: “O que está acontecendo aqui na sua seção?”. Porque aí eu precisava passar para a Vilma que era a presidente da CIPA – eu era a secretária – então eu escrevia, mandava alguém corrigir para ver se não estava errado e ela só batia o carimbo e levava para a diretora. E aí foi uma integração legal.

DP: E esse trabalho de prevenção até hoje tem que ter um representante da CIPA...

THS: Sim, se você tem mais de... Tem uma cota de funcionários que precisa ter.

DP: E hoje ninguém desempenha essa função?



THS: Ninguém, porque depois que a Vilma saiu a gente fez o curso de – tem as fotos aí, você já viu? – a gente fez o curso de bombeiros. Ai, como é que chama? Até me esqueci. Tem as fotos, se você procurar por aí você acha. A gente fez o curso, teve alguns que não fez. Procura para você ver.

DP: E esse trabalho é importante aqui?

THS: É. Quando o Bombeiro veio aqui, ele foi no prédio. Se essa Biblioteca pegar fogo não sobra nada, porque as mangueiras não têm água. Se os bombeiros vierem aqui para verificar isso eles fecham a Biblioteca. Nota zero.

DP: Esse controle deveria ser constante, como que a Biblioteca pode permanecer assim!

THS: Eu queria lembrar o nome, você vai procurar no arquivo para ver. A gente fez o curso, todos os homens daqui fizeram.

DP: Então houve um tempo em que havia uma preocupação maior por parte da instituição? Em que ano foi isso?

THS: Era a Marli Monteiro. Tem que ver lá no arquivo. Antes dela... Eu acho que foi em 2000.

DP: E as eleições eram de dois em dois anos?

THS: É, as pessoas tem que renovar, fazer curso, se inscrever.

DP: E dava para conciliar os dois trabalhos?

THS: Dava, porque você vai lá e fica só um dia. Mas as pessoas não gostam muito de ir lá fazer o curso de CIPA. E também eles veem que não tem retorno porque tudo o que você vai fazer, por exemplo, tem que colocar um piso melhor para você não escorregar, mas como se não tem dinheiro? Então, desmotiva a gente, sabe?



Você vai lá fazer o curso você tem aquela motivação, mas dentro da prefeitura quase que não funciona. Existe na Usina, parece que na Usina funciona, mas dentro da Biblioteca não funcionou. Funcionou só um pouquinho.

DP: Dona Tereza, a senhora fez um curso de formação em encadernação...

THS: Fiz. Eu vou atrás. Todo mundo tinha o direito de fazer. Quando chegou na minha turma, a gente não fez aqui, a gente fez no SENAI³ e no SENAI foi melhor ainda, porque lá tinha todo o equipamento e o pessoal que fez aqui só teve a noção básica que o professor trazia.

DP: E esse curso de formação durou quanto tempo?

THS: Eu não lembro. E aí, quando foi para aproveitar todo o pessoal que tinha feito o curso, a gente não tinha o costume de ler o Diário Oficial. Tinha uma pessoa lá em cima, na secretaria, que lia o Diário Oficial e ela falou: “Olha, vocês trazem o diploma para a gente melhorar os seus salários”. Quando todo mundo trouxe o diploma para ela levar, já tinha vencido. Quer dizer, o Diário Oficial tem que ser lido todo dia e, se tem alguma coisa para os funcionários, tem que dar o recado. Isso foi uma falha da administração.

DP: E aí a senhora trabalhou na Seção de Encadernação, depois?

THS: Não.

DP: A senhora não chegou a trabalhar na Encadernação? A suas seções foram o Atendimento, a Torre, a Sala de Artes? Como foi na Sala de Artes, foi uma experiência interessante?

THS: É, porque na Sala de Artes os livros são diferentes. Eu trabalhei na Sala de Artes quando a Biblioteca abria de domingo - sábado e domingo.

³ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial



DP: E como que foi?

THS: Só tinha funcionário. A gente descansava, um sentava ali e outro aqui, porque o pessoal não vinha muito de domingo.

DP: De fim de semana não tinha público?

THS: Muito pouco.

DP: Quando foi isso?

THS: Não lembro. Foi logo no começo, logo que eu entrei. Quando eu entrei já abria até às 23 horas, até à meia noite. E de domingo abria até às cinco horas da tarde.

DP: E quem era o público que vinha? A senhora conseguia identificar, se eram as pessoas da região?

THS: Tinha os curiosos. Mas tinha uns três ou quatro que já era... Tinha os de artes. Quando eu entrei aqui abria tudo, abria Legislação, Mapoteca, eu não lembro se Raros abria, mas abria tudo.

DP: E tinha público.

THS: Tinha. Tinha uns gatos-pingados, mas tinha.

DP: A senhor acha que teve uma mudança de perfil de público? Agora a senhora está no Atendimento...

THS: É no Atendimento eu estou só há três anos. Antes disso eu vinha para ficar duas horas. Sempre eles me requisitavam: "Ah, Fulano faltou, dá para você ficar lá duas horas?" E eu sempre vinha. Aí, quando essa colega falava para eu ficar lá direto, eu dizia: "Não, eu só venho aqui para cobrir essas pessoas que faltam". Na



hora do almoço, quem vai ao médico, assim. Aí viram que não tinha jeito e mandaram eu subir.

DP: E esse trabalho de atendimento a senhora acha interessante?

THS: Eu acho porque cada dia vem um público diferente, uma pesquisa diferente. Então eu falo para as meninas que todo dia eu aprendo uma coisa diferente. Eu não lembro do que aconteceu ontem. Eu lembro de hoje, do que eles vêm pedir hoje.

DP: E a sua relação com o público?

THS: É normal. Eu gosto de atender o público.

DP: E em geral as pessoas já vêm com um tema ou demanda muito do atendente?

THS: Não, eles já vêm com o nome do autor, o título, o assunto e a gente já indica onde está. É muito raro eles chegarem assim: “Eu não sei o que a professora pediu”. Não, eles já sabem o que querem.

DP: A maior parte é de alunos, jovens, universitários?

THS: É, universitários, aluno de primeiro e segundo grau. Agora caiu muito com a internet, não é?

DP: A senhora já sentiu isso, que houve uma queda?

THS: Eu acho que caiu. A gente manda para a internet e eles fazem a pesquisa, mas a sala está muito vazia, antigamente era mais cheia.

DP: E o número de funcionários se manteve?

THS: Agora que chegou o estagiário porque não tinha, era só eu e um outro rapaz. Você trabalhar seis horas no atendimento é desgastante, de repente você fica até sem educação porque desgasta mesmo.



DP: E lá no atendimento tem a mesma disponibilidade da torre para ler?

THS: Não, é impossível. O que eu aproveitei foi quando eu trabalhei na torre. Agora não dá para você querer estudar ali. Lá na torre você se fecha ali, você só atende o seu elevador e volta ali. Foi o que eu aproveitei. Muito bom.

DP: A senhora lembra, no momento da criação do Centro Cultural, houve mudanças aqui na Biblioteca, diminuiu o público em função do Centro cultural?

THS: Quando eu entrei aqui estava começando a construir o Centro Cultural. Aí saiu um pessoal daqui, que trabalhava aqui no IDART⁴ e foram para lá para o Centro Cultural. Aí caiu um pouco. Eu sinto assim, quando eles perguntam: “Abre no sábado?” “Não, você vai no Centro Cultural”. Eu sempre falo para ir no Centro Cultural de domingo. Mas tem gente que não gosta do Centro Cultural, tem gente que gosta. Tem gente que não gosta da Mário de Andrade.

DP: A senhora acha que aqui tem um público cativo e lá tem outro público?

THS: Tem. Porque lá tem livre acesso. Eu fui lá só uma vez. Tem livre acesso, a pessoa vai lá e pega o livro. Aqui já é diferente, aqui tem horário para fechar a sala, tem horário para abrir e lá não. O público é diferente. Tem usuário que chega e fala: “Eu queria o livro de poesia. Onde que está?” E eu falo que não está aqui, que tem que requisitar o pedido.

DP: E em relação à pesquisa dos usuários, vocês chegam a ter acesso ou não? Essas filipetas que os usuários preenchem e que deixam naquela caixa de entrada, quem que faz essa...?

THS: É assim: eles entregam ali no elevador, aí sobe. Antigamente, bem antigamente, fazia; agora eu acho que não faz.

⁴ Departamento de Informação e Documentação Artística



DP: Então, esse retorno em relação ao público, vocês não têm. Se as pessoas se sentem bem, são bem atendidas, essa informação vocês não têm? Porque eu sei que eles deixam aquelas fichinhas...

THS: Você está falando do livro ou da...

DP: Eu estou falando do atendimento lá na portaria.

THS: Ah, sim, daquelas a gente fica sabendo, se for da Referência a gente fica sabendo, se for de outro lugar a gente não fica sabendo, cada setor tem a sua.

DP: E, dona Tereza, quais foram as experiências mais importantes? A senhora já nos contou que nesse momento da torre foi importante, a senhora estudou para crescer profissionalmente. Então eu queria que a senhora nos contasse quais foram os momentos mais felizes dentro da instituição e se teve algum momento muito difícil. Algum conflito com a chefia?

THS: Teve uma chefia que eu chorei. Eu estava na CIPA e a gente fez um memorando para uma médica vir dar uma palestra aqui e ela veio. A gente organizou a palestra lá no aquário, não podia ser no auditório, porque tinha alguma coisa aqui, não sei. A diretora era a Marli. Aí eu acho que fui falar com o José Eduardo e falei: “Olha, temos que fazer isso assim e assim”. Eu passava tudo em memorando e a presidente da CIPA passava para ele. Eu acho que era a Marli, não era o José Eduardo. Ele estava organizando o ambiente e eu falei: “Olha, tem que escurecer aqui, porque vai passar slides”, tudo através de memorando dos funcionários para a chefia. Porque você tinha que conversar - Fulano não podia ir de manhã, mas podia ir de tarde, ou podia ir em um outro dia, mas era aqui dentro. Aí fizemos tudo lá no Aquário, tapamos tudo com papel. Aí o José Eduardo foi ligar um negócio e estourou um fio. A diretora não estava aqui nesse dia. A primeira palestra todo mundo assistiu numa boa, todo mundo gostou. Eu não sabia que a mulher estava divulgando um livro e ela vendeu o livro aqui. A diretora me chamou e disse que não queria outra palestra. E ela me chamou primeiro. A presidente disse que



tinha que chamar ela primeiro. Eu chorei de raiva e todo mundo ficou com raiva também, porque os outros funcionários não puderam ver a palestra. Porque a diretora disse: “Porque eu não quero venda aqui dentro”. “Mas eu nem sabia que ela ia vender!”. E eu não sabia mesmo que a mulher ia vender o livro dela. Aí ela falou: “Eu não quero saber e não quero outra palestra”. Com isso eu fiquei muito chateada, porque o pessoal ficou: “Puxa vida! Eu não posso assistir”. Aí a presidente foi lá falar com ela, eu saí de lá chorando e eu falei: “Eu não aceito isso aí”. Porque se ela não estivesse aqui, acontecia. Mas aconteceu que estourou o fio, o José Eduardo foi ligar na tomada e acho que era 220 e estourou. E ela não estava aqui. Aí o que aconteceu? Nós tivemos que passar para o outro dia. E no outro dia ela ficou sabendo que no dia anterior tinha vendido o livro. E eu falei para ela: “Olha, cada um comprou porque quis, ninguém mandou, ninguém obrigou”. Mas ela falou: “Não pode vender livro aqui dentro”.

DP: E todos os chefes foram bastante rigorosos em relação a isso?

THS: Os outros chefes a gente não tinha muita relação, a gente tinha relação com o encarregado. O chefe a gente só falava “bom dia” e se não respondia a gente deixava para lá.

DP: E os secretários de Cultura tinham uma relação forte com a Biblioteca, a senhora lembra?

THS: Antigamente tinha muitos eventos aqui.

DP: A senhora participava?

THS: Eu participava porque eu trabalhava. A gente trabalhava no auditório e na portaria, para fazer 120 horas. Não tinha convocação como tem hoje. E a gente trabalhava assim - ficava lá no elevador para não deixar entrar muita gente.

DP: E a Biblioteca tinha eventos diários?



THS: Eram, tinha o show do meio-dia, tinha não sei o que às seis horas da tarde. Eu participava porque eu trabalhava e, quando eu não trabalhava porque não estava convocada para trabalhar aquele dia, eu vinha ver o que era. Agora teve um evento que tinha bastante gente. Mas eu lembro que teve um show da Tetê Espíndola aqui e tinha tanta gente que a fila ia lá embaixo, lá na esquina.

DP: Concorreu com esse evento do Professor Aziz Ab'Saber que foi na semana passada.

THS: Foi a primeira vez que ela veio cantar aqui. Mas aqui tinha muitos eventos, nossa!

DP: Outra coisa que eu gostaria de perguntar é que a senhora disse que acha que houve uma mudança do servidor municipal. Quando a senhora entrou o funcionalismo tinha prestígio, era bem remunerado. A senhora sentiu essa mudança?

THS: Eu vi que tudo era mentira.

DP: Mas desde que a senhora está aqui houve uma mudança?

THS: Na minha cabecinha eu pensava que ia trabalhar aqui para ganhar bem. As outras mulheres eram bem arrumadas, muita pintura, de salto. E eu falava: "Vou trabalhar na prefeitura porque vou ganhar bem e não vou fazer nada". Ganhei pouco e fiz muita coisa.

DP: A senhora está em vias de se aposentar?

THS: Faltam três anos para eu me aposentar.

DP: E como a senhora acha que será lembrada pelos seus colegas?

THS: Eu não sei, porque cada um tem uma ideia.



DP: Em relação à responsabilidade, à pontualidade, o que a senhora acha que a particulariza?

THS: Acho que não vou deixar muita saudade, não. Do meu tempo tem poucas pessoas. Essas pessoas que estão agora vieram depois que o Maluf fez o PAS⁵, aí entrou pessoas da saúde. Então é outro nível de pessoa.

DP: E como foi essa chegada do pessoal da Saúde?

THS: Eu trabalhava na Etiquetagem e eles passaram mostrando para elas onde elas iriam trabalhar e eu falei para a minha chefe: “Elas trabalhavam na limpeza, na cozinha, elas não vão entender de livros”. Aí nossa seção organizou de levá-los na torre para falar como era o serviço, porque eles não sabiam, de hospital para livros, eles eram totalmente leigos. E as minhas colegas do meu tempo são pouquíssimas aqui.

DP: E a senhora acha que esse pessoal da Saúde ao longo dos anos eles foram se envolvendo mais com o trabalho específico da Biblioteca ou não?

THS: Eu acho que para eles foi muito bom porque a administração esqueceu do pessoal da Cultura e lembrou mais do pessoal do hospital, deu mais bola para eles. Eu enxerguei assim. Porque nós da Cultura a gente conversa de vez em quando e pergunta: “O que aconteceu com a gente?”.

DP: E esse grupo da Saúde permanece aqui?

THS: Esse pessoal da saúde permanece, algumas pessoas foram embora, mas nós da Cultura estamos esquecidos.

⁵ Plano de Atendimento à Saúde



DP: E o que a senhora acha fundamental para um funcionário trabalhar com livro? A senhora trabalhou bastante e foi se desenvolvendo a partir da sua própria iniciativa, a senhora foi atrás da sua formação. A senhora acha que a instituição valorizou?

THS: Eu já trabalhando aqui, eu fazia um curso de enfermagem, cheguei a trabalhar aqui e no hospital, mas eu não aguentei. Eu moro longe e trabalhava no Hospital Bandeirantes. Eu trabalhava só seis horas aqui. E estas 120 horas que eu te falei a gente trabalhava sábado e domingo. Eu saía daqui e fazia o curso lá onde moro e depois ia para o hospital fazer estágio. Fiquei pensando: “Vou mexer com livros ou com gente?”. Gente tem que saber dar injeção, dar remédio, eu mesmo fiquei questionando. Eu fiquei pensando e resolvi ficar com os livros. Porque o livro não requer nada disso. O livro você põe ali e ele fica. Agora, gente você não pode fazer isso, se a pessoa ficar doente você tem que cuidar.

DP: A senhora acha que tem que ter perfil para trabalhar na biblioteca, para fazer a informação chegar ao usuário? O que a senhora acha que tem que ter?

THS: Tem que ter um perfil. O pessoal que veio da Saúde não tinha perfil para trabalhar em uma biblioteca. Eles vieram do hospital, mexiam com comida. Por isso eu falei para a minha chefe. Eu acho que eu sou assim, eu quero renovar as coisas. E a gente criou uma placa para eles colocarem o livro direitinho lá, porque a leitura da classificação você tem que saber. Tudo isso foi feito lá da Etiquetagem para a torre e elas ficaram mais na torre. O atendimento da portaria não precisa e o xerox é outra coisa. Apesar que o pessoal da Saúde foi para o xerox também.

DP: E o que a senhora acha que quando se aposentar vai sentir mais falta da Biblioteca? Ou não vai sentir falta?

THS: Eu não vou sentir saudade porque eu quero fazer outras coisas também.

DP: Isso que eu iria perguntar: o que a senhora está pensando em fazer?

THS: Eu vou fazer massagem.



DP: Olha só, aí a senhora vai trabalhar com gente!

THS: Eu quero fazer isso antes de me aposentar porque se eu me aposentar...

DP: A senhora já está fazendo um curso?

THS: Não, mas eu vou fazer no ano que vem. Eu estou só pesquisando.

DP: E a sua família tinha alguma relação com Biblioteca, frequentava...

THS: Não.

DP: Eles não achavam tão importante a senhora trabalhar numa biblioteca?

THS: Você sabe, eu já fiz um monte de coisa, a estagiária até dá risada comigo. Você sabe como foi que eu entrei na Biblioteca? Foi assim: eu trabalhava em uma metalúrgica lá no Ipiranga, eu morava na divisa de Santo André com São Paulo e fazia um curso de cabeleireiro e manicure. Mas aí eu falei: “Onde vou estudar?”, lá mesmo na divisa para eu não chegar muito tarde em casa e não ter que andar muito. Eu tomava o ônibus no Ipiranga, descia no Industrial e lá fazia o curso. E lá eu conheci uma pessoa, uma colega que fazia o pé e a mão comigo e ela me disse que trabalhava na prefeitura. Aí que eu comecei essa relação: “Nossa! Você trabalha na prefeitura?”. Ela era secretária de uma diretora de uma escola. E ela começou a falar e falar aquilo. “E como faz para a gente fazer concurso?”. Sabe aquela coisa? É a mesma coisa o usuário que chega aqui e pergunta: “Como que faz para trabalhar na Biblioteca?”. “Tem que fazer concurso”. Foi essa a relação que eu tive com ela. E ela me disse que quando começasse a pegar, ela me falaria. Aí teve um vereador, não me lembro o nome dele. E ela falou: “Olha, você vai lá que o vereador vai começar...”. Ela tinha uma relação com a diretora, porque ela era secretária da diretora e tinha esse negócio de prefeitura. Ela trabalhava na escola. E eu falei: “Quando tiver vaga, você me fala?” Ela falou: “Falo”. E eu fazendo o pé dela – eu era pedicure. E ela me falou quando tinha aberto inscrição para a prefeitura: “Vai lá”. E eu disse: “Mas eu não sei onde é”. Ela falou: “Faz o seguinte: você vem aqui na



escola onde eu trabalho”. “E onde é sua escola?”. “Você pega o ônibus tal que passa em frente...”. Ela me deu o endereço: “Então, você para lá e de lá eu vou te mostrar onde faz a inscrição”. Foi aí que eu fui lá no DAMU, através dessa minha colega. Foi assim que começou.

DP: Muito bem, dona Tereza, a senhora gostaria de falar mais alguma coisa?

THS: Não. Eu já falei até demais. Eu não sou de falar muito.

DP: Eu consegui tirar leite de pedra! Eu te agradeço muito em nome da Biblioteca. Muito obrigada.

